



# Denúncia chega à Gávea

Funcionário do clube teria oferecido R\$ 100 para acariciar a genitália de um menor

■ CAIO BARBOSA

*caio.barbosa@extra.inf.br*

■ A mulher que denunciou um suposto caso de pedofilia no Flamengo já prestou depoimento à polícia. Ela deu detalhes sobre o caso e quer ficar frente a frente com o acusado para uma acareação.

O delegado titular da Delegacia de Crianças e Adolescentes Víctima (DCAV), Luiz Henrique Marques, intimou um dos diretores do clube, supostamente ligado à vítima, a prestar esclarecimentos sobre a denúncia.

Localizada pelo EXTRA, a testemunha, cujo nome está sendo mantido em sigilo, afirma ter visto o funcionário em um restaurante próximo à Gávea, oferecendo R\$ 100 a um menor de cerca de 10 anos. Em seguida, o suposto pedófilo teria acariciado o pênis da criança, que frequenta o clube diariamente por integrar uma ONG que tem parceria com o Flamengo.

— O X é uma pessoa muito influente no clube. Todo mundo sabe, não é de hoje, que ele é pedófilo, só que ninguém nunca teve coragem de denunciar. Para algumas crianças, ele dá dinheiro; para outros, oferece vaga nas escolinhas de futebol e até ingressos para jogos

ou permissão para entrar em campo com o time. Eu já falei com todas as pessoas no clube, no dia que vi a cena. Fui à Justiça e confirmo a história a hora que for, na frente de quem for — disse a testemunha.

Responsável por ter encaminhado a denunciante à Justiça, a vereadora Liliam Sá (PR), presidente da Comissão da Criança e do Adolescente da Câmara, mostrou-se indignada com a denúncia, feita por uma pessoa de suas relações.

— As acusações são muito graves e eu estou esperando o desfecho das investigações, mas caso fique comprovada a culpa, acho que esta pessoa deveria ser banida da sociedade, expulsa do Flamengo. Felizmente, tenho certeza de que a Patrícia Amorim, mãe de quatro crianças, jamais acobertaria uma pessoa assim dentro do clube — disse Liliam Sá.

A presidenta Patrícia Amorim confirma ter ouvido a denúncia, mas diz que espera um posicionamento da Justiça antes de tomar qualquer atitude.

— Não posso fazer nada, pelo menos por enquanto. Não vou julgar uma pessoa sem provas. Isso não é minha responsabilidade — explicou Patrícia.